

**SÍMBOLOS DO PARANÁ EM DIFERENTES TIPOS DE EXPRESSÃO CULTURAL***SYMBOLS OF PARANA IN DIFFERENT KINDS OF CULTURAL EXPRESSIONS*

Joni Márcio Dorneles Fontella¹
Rosemary Irene Castañeda Zanette²

RESUMO: A “gralha azul” e o “pinheiro” estão entre os mais reconhecidos símbolos representativos do estado do Paraná. Eles têm sido referenciados sob diversas formas de expressões artísticas, como no teatro, na poesia e na música. Ao longo dos anos, as lendas em torno desses elementos culturais têm inspirado poetas, escritores e compositores, regionais e de renome nacional. Nessa perspectiva, considerando a importância desses símbolos locais, este artigo tem por objetivo verificar como diferentes formas de produção artística, como as obras literárias e musicais, retratam esses já reconhecidos símbolos. Dessa maneira, tomamos como *corpus* da pesquisa três textos. O primeiro é a canção *Gralha Azul* (1968), de Inami Custódio Pinto, que é considerada uma das mais marcantes obras do cancionário do Paraná. O segundo é o poema *Araucária* (1999), de Helena Kolody. E o terceiro é *A lenda do pinheiro e a gralha azul* (1972), que faz parte da primeira publicação de lenda sobre essa ave, o livro *A sombra dos pinheirais* (1925), de Eurico Branco Ribeiro. Analisamos lexemas como “gralha azul”, “pinheiro” e “pinhão”, buscando descrever os significados veiculados a partir das obras selecionadas. A base teórica que sustenta este trabalho compreende a dos estudos Lexicológicos e Lexicográficos (BIDERMAN, 2001a, 2001b, 2001c), discutindo a relação existente entre léxico, sociedade e cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico; Símbolos do Paraná; Cultura do Paraná.

ABSTRACT: The “azure jay” and the “pine tree” are among the most acknowledged representative symbols from Parana State in Brazil. They have been referenced by many different kinds of artistic expressions, such as theater, poetry and music. Along the years the tales about these cultural images have inspired regional and nationally recognized poets, writers and composers. In this perspective, considering the importance of these local symbols, this paper aims to verify how distinct kinds of artistic production, such as literary and musical works, depict these acknowledged symbols. So, as *corpus* to this research we took three texts. The first one is the song *Gralha azul* (1968), composed by Inami Custódio Pinto, which is considered one of the most outstanding songs of the cultural repertoire from Parana State. The second one is the poem *Araucária* (1999), by Helena Kolody. The third one is *A lenda do pinheiro e a gralha azul* (1972), which is in the first publication about blue azure jay’s tales, the book *A sombra dos pinheirais* (1925), by Eurico Branco Ribeiro. We analyze some lexical units such as “azure jay”, “pine tree” and “pinion”, trying to describe their meanings

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE. E-mail jonifontella@msn.com.

² Professora doutora da graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE.



conveyed by the selected artistic work. The theoretical basis that guides this work are the Lexicology and Lexicography studies (BIDERMAN, 2001a, 2001b, 2001c), discussing the existing relation between lexicon, society and culture.

KEYWORDS: Lexicon; Symbols of Parana; Culture of Parana.

INTRODUÇÃO

Uma das formas de se identificar ou caracterizar um povo é por meio de suas expressões culturais, pelas quais podemos verificar muito sobre suas crenças, costumes, paixões, o que consideram certo, o que acreditam ser errado, entre outras questões.

Quando se fala em Brasil, por exemplo, de forma geral, os estrangeiros logo associam o país, e os brasileiros, a algumas manifestações culturais típicas, como samba, carnaval, futebol, e assim, à noção de que somos um povo alegre e festivo. Da mesma forma, quando pensamos na Argentina geralmente lembramos do tango, dança e música típica daquele país. Também associamos Itália à pizza, alimento italiano que se difundiu pelo mundo. Igualmente, ligamos a ideia de Inglaterra à noção de pontualidade, pois esse é um costume característico do povo inglês, e assim por diante.

O mesmo acontece com as diferentes regiões dentro de um mesmo país. No Brasil, alguns elementos culinários são associados a certos estados. No Rio Grande do Sul, por exemplo, destacam-se o churrasco e o chimarrão, assim como o queijo em Minas Gerais. Da mesma forma se dá com os estilos musicais. No estado de Pernambuco destaca-se o frevo, na Bahia o axé, no Rio de Janeiro o samba e o pagode. Dessa maneira podemos ver que certos tipos de expressões culturais e elementos simbólicos também caracterizam diferentes regiões do Brasil. Então, a partir dessas observações, surgiu a ideia dessa pesquisa. Procuramos analisar lexicalmente alguns símbolos paranaenses expressos em diferentes formas de expressão cultural, especialmente na música, na poesia e na lenda.

O *corpus* do trabalho consiste na canção *Gralha Azul* (1968), de Inami Custódio Pinto, que é considerada uma das principais obras do cancionário do Paraná; o poema *Araucária* (1999), de Helena Kolody; e *A lenda do pinheiro e a gralha azul* (1972), que teve sua primeira publicação no primeiro livro de lenda sobre a gralha azul, *A sombra dos pinheirais* (1925), de Eurico Branco Ribeiro.

O trabalho foi desenvolvido por meio da seleção e análise de itens lexicais nas referidas obras, que tratam de símbolos culturais do estado do Paraná, com o intuito de verificar como se dá a relação dos significados expressos em cada uma delas.

Iniciamos as discussões falando a respeito do sistema lexical das línguas naturais, e sua relação com a sociedade e a cultura (BIDERMAN, 2001, 2001b, 2001c). Na sequência, apresentamos o *corpus* da pesquisa, ou seja, a música, o poema e a lenda, assim como alguns dados relacionados ao contexto de produção e aos autores. Finalmente, as análises dos lexemas selecionados.

LÉXICO, SOCIEDADE E CULTURA

Língua, história e cultura possuem uma ligação natural e indissociável, na qual uma depende da outra. No processo de evolução, as línguas sempre estiveram e provavelmente sempre estarão conectadas com aspectos históricos e culturais. Isso porque:

[...] o homem só existe histórico e socialmente quando houver a linguagem para expressar essa história social. A linguagem faz parte da sua história. Essa linguagem é expressa por palavras e essas palavras irão constituir o sistema lexical de uma língua e, conseqüentemente, de um povo. Assim, estudar o léxico de uma língua é estudar também a história do povo que a fala (ABBADE, 2006, s/p).

Nessa perspectiva, ao se estudar especificamente o léxico de uma língua, ou de uma comunidade de fala, torna-se fundamental a análise da sua relação com a sociedade. Essa percepção é essencial, pois, “o universo semântico se estrutura em torno de dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o léxico” (BIDERMAN, 2001, p. 179).

A relação entre o léxico e a sociedade é de grande importância, tanto para a compreensão das expressões culturais dos grupos sociais, quanto para entender como se dão os processos de formação de identidade cultural.

Acreditamos que estudos de cunho lexical e cultural são um caminho riquíssimo na observação do comportamento, tanto linguístico quanto de crenças e atitudes de diferentes sociedades. Por meio dos estudos lexicais, por exemplo, é possível desvendar inúmeros



segredos da história das sociedades e de suas culturas. Dessa forma, é possível compreender determinadas formas de agir e pensar de diferentes povos (ABBADÉ, 2006). Logo:

As relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade, são indubitavelmente, muitos fortes, considerando-se que o léxico, com seu estatuto semiótico, é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte de seu conjunto, a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico, em que se situa o homem (FERRAZ, 2006, p. 219)

Podemos dizer que o léxico é um patrimônio linguístico da comunidade que dele faz uso. É nele que estão reunidos os significados socialmente constituídos, e que através de processos sócio-histórico-culturais podem se modificar ou se cristalizar. De acordo com Biderman, “qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 2001a, p. 179).

Diferentemente dos outros sistemas da língua, o lexical se caracteriza por não ser estático. Ele tem a característica inerente de ser aberto, podendo receber novos lexemas, bem como ter o significado de outros alterados, de acordo com contextos específicos de uso. Nessa perspectiva, podemos dizer que, mesmo a língua sendo um bem social, sua semântica pode ser alterada por intervenções individuais que podem ou não serem incorporadas às normas das línguas.

A partir de uma de ação constante sobre o sistema lexical é que os grupos sociais atribuem os significados que um determinado lexema pode assumir em contextos específicos. Os valores simbólicos atribuídos aos bens culturais são um exemplo desse processo, o qual é inerente a toda e qualquer sociedade, pois

Os conceitos, ou significados, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados surgem as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais (BIDERMAN, 2001b, p. 13).

Dessa forma, o homem associa palavras a conceitos, originando os signos linguísticos, que por sua vez atuam sob o universo referencial da linguagem humana (BIDERMAN, 2001b, p. 13-14). No entanto, as palavras só são associadas a conceitos quando são usadas dentro de contextos determinados e comuns entre os usuários. Os signos só são providos de significados quando inseridos em algum contexto, caso contrário, se forem

considerados isoladamente, tornar-se-ão nulos de significação, tornando-se assim dispensáveis (HJELMSLEV, 1975, p. 50 *apud* BIDERMAN, 2001c, p. 187).

Portanto, o léxico de uma língua se origina e se desenvolve a partir da atuação permanente que os grupos sociais têm com a linguagem em contextos específicos. O universo semântico se estrutura a partir dessa atuação, que resulta dos usos particulares que os indivíduos fazem da língua, que é um produto de ordem social. De acordo com Biderman, “ao atribuírem conotações particulares aos lexemas, nos usos do discurso, os indivíduos podem agir sobre a estrutura do léxico, alterando as áreas de significação das palavras (BIDERMAN, 2001a, p. 179).

Os escritores e os poetas exercem um papel de grande importância nos processos de significação e ressignificação do léxico por suas habilidades notáveis nos usos da linguagem. A criatividade artística muitas vezes é responsável pelo deslocamento dos significados de certos lexemas. Além disso, o trabalho do escritor e do poeta se destaca pelo uso das palavras não apenas com os sentidos denotativos, característica que agrega muito valor a suas obras. No poema *Araucária* (1999), por exemplo, Helena Kolody retrata o pinheiro, que é um dos principais símbolos do estado do Paraná. Sua poesia apresenta a araucária não como uma árvore qualquer. A autora a descreve com uma carga de significação que talvez possa ser percebida, ou sentida, apenas pelo povo paranaense, ou por quem conhece a cultura desse estado e tudo o que o pinheiro representa para o mesmo. Portanto, nesse caso, os significados vão muito além dos denotativos.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que são muitas as nuances possíveis no uso da linguagem. Durante nossos discursos diários, podemos utilizar as palavras não somente com os significados imediatos, aqueles explícitos, mas também com alterações de sentidos e significados que poderão apenas ser percebidos se os pares envolvidos na interação estiverem cientes de tais alterações. Isso acontece porque

De fato, na maioria dos lexemas é possível distinguir um significado exclusivamente conceptual, onde é feita a referência explícita ao conteúdo denotativo e/ou lógico e cognitivo dos dados da Realidade. Também é possível detectar significados de uma palavra, onde sobressaem franjas conotativas que se reportam a elementos contextuais. Nesses casos, o brilho do núcleo semântico se embate diante dessa auréola de significações conotativas, que denunciam referências a níveis sociolinguísticos, ou a atitudes e sentimentos do locutor e assim por diante (BIDERMAN, 2001c, p. 189).

Portanto, os significados conotativos que as palavras assumem se relacionam com o universo cultural dos usuários. Eles são constituídos socialmente e são fundamentais para que possamos compreender a variação de importância que certos elementos têm para diferentes grupos sociais.

Nos três textos selecionados como *corpus* desse trabalho, percebemos que os autores não utilizam os lexemas analisados com significados denotativos, nem tampouco os ressignificam. No âmbito desse artigo, a importância dos textos selecionados consiste em registrar, cada um no gênero em que atua, os significados culturais que essas palavras possuem para a cultura do estado do Paraná.

O *CORPUS* DA PESQUISA

Nessa parte do trabalho apresentamos as três obras selecionadas como *corpus* de pesquisa, descrevendo o contexto de criação, assim como a apresentação de informações a respeito dos respectivos autores. A escolha dessas obras se deu pelo fato de elas terem como tema alguns dos principais símbolos do estado do Paraná, a gralha azul, o pinheiro e o pinhão. A decisão de fazer as observações em diferentes tipos de expressão cultural se deu com o intuito de mostrar como as obras literárias e musicais retratam esses símbolos importantes do estado.

A primeira obra analisada é a canção *Gralha Azul* (1968). Essa música foi composta pelo professor e folclorista Inami Custódio Pinto, no ano de 1946, quando tinha apenas 15 anos de idade. Essa canção recebeu diversas regravações desde então, e se tornou uma das mais significativas obras do cancioneiro do estado. A primeira edição foi no ano de 1968, na interpretação da cantora Eli Camargo, no disco *Gralha Azul – Folclore do Paraná* (ANJOS, 1995, p. 04). Custódio Pinto é autor de cerca de 200 canções, e foi um grande pesquisador da cultura paranaense, tendo trabalhado com cultura indígena e caiçara. Ministrou aulas sobre Folclore na Faculdade de Artes do Paraná, além de realizar muitas palestras e projetos culturais no estado (PARANÁ, 2016a). Vejamos a letra da canção:

Vem ver, vem conhecer
Minha cidade sorriso, terra do Pinheirais
Vem ver, as riquezas, as mil e uma belezas
Um paraíso no sul.
Onde nasceu a gralha azul,
Onde nasceu a gralha azul



O pinheiro dá a pinha, a pinha dá o pinhão.
Gralha Azul leva no bico, vai Fazer a Plantação.

Refrão

Vôoa vôoa, gralha Azul,
Gralha azul, ralha azul gralha azul.
Gralha azul tu és pequenina,
Mais é grande o seu valor.
És paranaense bichinho,
És bom trabalhador.

A segunda obra do *corpus* é o poema *Araucária* (1999), de Helena Kolody, publicado no livro *Viagem no espelho* (1999), o qual reuniu vários livros da autora que já haviam sido lançados.

Helena Kolody era filha de ucranianos e nasceu em 1912 em Cruz Machado, no Paraná. Atuou por muitos anos como professora na cidade de Curitiba, onde viveu até a morte no ano de 2004. Foi autora de diversos livros e recebeu vários prêmios por seus poemas. O livro *Viagem no espelho* (1999) foi traduzido para italiano e ucraniano (CRUZ MACHADO, 2016).

Em sua carreira artística, Helena Kolody teve grande destaque na produção de haicais, mas não deixou de reverenciar a cultura de estado do Paraná, e o fez por meio do poema *Araucária* (1999), que apresentamos na sequência:

Araucária

Nasci forte e ativa, solitária.
Ascendo em linha reta
- Uma coluna verde-escura
No verde cambiante da campina.
Estendo braços hirtos e serenos

Não há na minha frente
Nem veludos quentes de folhas
Nem risos vermelhos de flores,

Nem vinhos estoantes de perfumes.
Só há o odor agreste da resina
E o sabor primitivo dos frutos.

Espalmo a taça verde no infinito.
Emballo o sono dos ninhos
Ocultos em meus espinhos,
Na silente nudez do meu isolamento.



A terceira obra do *corpus* é *A lenda do pinheiro e a gralha azul* (1972). As lendas têm o poder de transmitir significados folclóricos e culturais de geração para geração. De acordo com o professor e escritor Benedito Nicolau dos Santos Filho, lenda é

A narração imaginosa e empolgante, de certos acontecimentos possíveis, na vida real ou, simplesmente, fantásticos, em que se narram os feitos gloriosos ou modestos de um povo ou de um pequeno agrupamento humano, ou de uma simples tribo indígena, de um homem notável ou de anônimo monge (SANTOS FILHO, 1972, p. 23-24)

Nesse caso, não se trata de um feito glorioso de algum povo, mas de uma ave que representa um povo.

O autor dessa lenda, Eurico Branco Ribeiro, nasceu na cidade de Guarapuava, no Paraná, foi médico renomado, jornalista e escritor. Foi de sua autoria o primeiro livro de lendas sobre a gralha azul, o qual foi intitulado *A sombra dos pinheirais* (1925). A lenda selecionada para o *corpus* desse trabalho fez parte desse livro.

...quando chegou a vez da gralha, esta disse, humildemente:

- “Senhor, eu desejava ser mais útil do que sou. Nada valho, nada faço, mas se a vossa vontade me reforçar, serei de muito”.

E para provar mais uma vez que tem poderes para tornar incalculavelmente grande, seja um mero animalzinho, o CRIADOR entregou à gralha uma semente para que plantasse e disseminasse, que faria obra útil. – Foi então que surgiu o PINHEIRO.

E para premiar a boa intenção da gralha, cobriu-a o SENHOR com um manto azul, que simboliza a bênção do céu.

Apresentado o *corpus* do trabalho, partimos agora para sua análise. Buscamos identificar os significados comuns expressos por essas obras a respeito dos símbolos culturais do estado do Paraná.

A GRALHA AZUL E O PINHEIRO: OS SÍMBOLOS DA TERRA DOS PINHEIRAIS

Nesta seção, fazemos a análise dos lexemas “galha azul”, “pinheiro”, “pinhão” e de outros termos sinônimos a eles, utilizados pelos autores dessas obras. Esses três lexemas principais da análise são reconhecidamente importantes no âmbito da cultura do Paraná. Eles aparecem nos mais variados contextos do cotidiano paranaense, do formal ao informal, em

forma de leis, em nomes de empresas e de cidades, como por exemplo, Pinhão, que é uma cidade da região central do Paraná.

A gralha azul, por sua vez, é um símbolo estadual protegido por lei, pois a Lei Estadual nº 7957 de 12 de novembro de 1984, no Artigo 1º diz que “é declarada ave-símbolo do Paraná o passeriforme denominado Gralha Azul, *cyanocorax caeruleus* (PARANÁ, 2016b). Dessa forma, o nome dessa ave é muito usado em diversos segmentos dentro do estado. De acordo com Anjos, “são muitos os estabelecimentos comerciais que se chamam gralha azul, como lanchonetes, restaurantes, bares” (ANJOS, 1995, p. 05). Ela também é a mascote de um dos principais clubes do futebol paranaense e do Brasil, o Paraná Clube (PARANÁ, 2016c).

Para o desenvolvimento das análises, buscamos informações referentes à definição dos termos selecionados no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Então, analisamos como eles são apresentados e significados nas três obras do *corpus*. Na sequência das análises, quando necessário, falamos de outras palavras importantes no contexto.

Então, iniciamos analisando o lexema “gralha azul”. Em seguida, fazemos o mesmo com o termo “pinheiro” e, finalmente, analisamos a palavra “pinhão”. A sequência das obras analisadas obedece a seguinte ordem: 1) a música; 2) a lenda; 3) a poesia.

Iniciamos, portanto, com a análise do lexema “gralha azul”. A segunda acepção da definição dessa palavra trazida pelo *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, diz que se trata de uma “ave passeriforme, corvídea (*C. caeruleus*), do S. e C.O. do Brasil, de coloração geral azul com a cabeça preta. Frequenta os pinheirais sulinos, onde atua como disseminadora das sementes do pinho” (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004, p. 997, grifo do autor).

Na letra da canção de Inami Custódio Pinto, a ave é mostrada dessa forma, como a responsável pela disseminação dos pinheiros do Paraná “gralha azul leva no bico/vai fazer a plantação”. A palavra “plantação”, usada nesses versos, de acordo com o mesmo dicionário, descreve o “ato ou efeito de plantar” (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004, p. 1576), que é uma ação naturalmente humana. No entanto, ideia veiculada por esses versos correspondem com a que está no imaginário popular, e isso se deve, principalmente, às lendas populares que se desenvolveram sobre essa ave.

O uso das palavras “trabalhador” e “valor”, referenciando-se à gralha, como nos versos “és bom trabalhador / mas é grande o seu valor”, refletem a importância dada ao trabalho desenvolvido pelas gralhas azuis no estado do Paraná. Nessa perspectiva, essa ave

vista como trabalhadora, responsável por uma atividade nobre, digna de respeito, pode ser entendida como a representação do povo paranaense também como trabalhador, dedicado e digno.

Em seguida, observamos como o lexema “gralha azul” é apresentado na *Lenda do pinheiro e a gralha azul* (1972). Vejamos a seguinte passagem, na qual a gralha diz “- Senhor, eu desejava ser mais útil do que sou”. Podemos perceber a mesma ideia que vimos na letra da canção, a noção de que a ave é plantadora de pinheiros. Já em outra passagem: “o CRIADOR entregou à gralha uma semente para que plantasse e disseminasse, que faria obra útil. – Foi então que surgiu o PINHEIRO”. As palavras “plantasse” e “disseminasse”, descrevem na lenda qual seria a função dada por Deus à gralha, enquanto que o conjunto do substantivo e do adjetivo “obra útil” reflete a importância que essa atividade teria.

A gralha azul se alimenta, principalmente, de pinhão, o fruto do pinheiro, durante o inverno, e de certa forma ela contribui para a disseminação das araucárias. No entanto, apesar do imaginário popular fazer essas menções à ave, cientificamente observou-se que seus hábitos alimentares são um pouco diferentes. O professor Luiz dos Anjos, embasado em pesquisas científicas realizadas com essas aves diz que

A gralha azul contribui para a dispersão da araucária mas não plantando o pinhão. Ocorre que quando ela está se alimentando do pinhão, com este preso ao galho somente através da prensão dos dedos médios e internos, muitas vezes ele escapa da ave. Provavelmente a casca do pinhão, muito lisa, e a sua forma, não anatômica para um galho roliço, fazem com que não seja fácil à gralha azul segurá-lo. Muitos pinhões acabam escapando da ave, como observamos, tanto na natureza como em cativeiro. Na natureza nunca a ave procurou recuperar o pinhão descendo até o solo; ela sempre retornou à pinha para pegar outro pinhão (ANJOS, 1995, p. 22).

Portanto, essa ave realmente tem um papel importante na disseminação do pinheiro. Mesmo que não o plante da forma como se acredita popularmente, e como é representado nas obras artísticas, o fato de derrubá-lo ao solo e lá deixá-lo, garante o florescimento de novas araucárias.

No poema *Araucária* (1999), não há menção explícita ao lexema “gralha azul”. No entanto, nos versos “embalo o sono dos ninhos / ocultos em meus espinhos”, em uma possível interpretação, poderíamos dizer que é um ninho de gralha azul, pois é no alto da copa das araucárias que ela geralmente faz o ninho. Interpretando dessa forma, estabelecer-se-ia uma importante relação entre o pinheiro e a ave. Na verdade, uma relação de mútua dependência,

pois se na letra da canção e na lenda apresentadas no *corpus* a gralha é representada como a responsável pela reprodução do pinheiro, no poema seria a árvore que favoreceria à continuidade da vida da ave.

Partimos então para a análise do lexema “pinheiro”. De acordo com o *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, “pinheiro” é a “designação de várias árvores do gênero *Pinus*, da família das pináceas e próprias dos climas temperados do Velho Mundo” (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004, p. 1562, grifo do autor).

No Brasil, a araucária *angustifolia*, popularmente chamada de “pinheiro”, é encontrada na região Sul. Apesar de ser comum em muitas outras partes do globo, a espécie *angustifolia* é nativa do país, sendo abundante no Paraná (CASILLO, 2011, p. 04). Dessa forma, ela se tornou símbolo desse estado.

Na canção *Gralha azul* (1968), podemos observar os seguintes versos “vem ver as riquezas / as mil e uma belezas / um paraíso no Sul”. Neles, os substantivos “riquezas”, “belezas” e “paraíso” transmitem a ideia de valor atribuídos ao estado do Paraná por meio da canção. Acreditamos que isso se deve em grande parte à já mencionada presença abundante de pinheiros nessa região, fato que enriquece e embeleza essa terra que é descrita como um paraíso.

O autor se utiliza também do lexema “terra dos pinheirais”, “vem ver, vem conhecer / minha cidade sorriso / terra dos pinheirais”. Nessa passagem, ele faz referência à cidade de Curitiba, pois, segundo Casillo (2011), “eram tantos bosques de pinheiros reproduzidos nas cercanias de Curitiba, que isso lhe valeu o cognome de “Terra dos Pinheirais” (CASILLO, 2011, p. 04, grifo do autor). No entanto, apesar desse apelido dado à capital paranaense, o estado, de forma geral, também ficou conhecido como “terra dos pinheirais”.

Na *Lenda do pinheiro e a gralha azul* (1972), o lexema “pinheiro” é mencionado uma única vez. No entanto, a lenda tem o clímax no momento em que essa palavra aparece: “Foi então que surgiu o PINHEIRO”. Na estória, é a partir desse clímax, que Deus premia a gralha cobrindo-a por um manto azul, que simboliza a benção do céu.

No poema *Araucária* (1999), Helena Kolody não usa a palavra “pinheiro” em nenhum momento. Porém, subentende-se que o que a autora descreve é uma “araucária *angustifolia*”, pelo fato de a autora ser natural do Paraná e essa espécie de araucária ser típica desse estado. Também, podemos perceber pelo verso “espalmo a taça verde no infinito” onde o lexema “taça” trabalha como uma metonímia por sua semelhança anatômica com o

pinheiro. Dessa forma, acreditamos que a descrição feita por Kolody nesse poema é de um pinheiro-do-paraná.

Nos lexemas “forte”, “altiva” e “braços hirtos”, dos respectivos versos “Araucária / nasci forte e altiva / estendo braços hirtos e serenos”, a autora faz uma descrição da forma física do pinheiro. Porém, podem ser interpretados como metáforas em referência ao povo paranaense, por sua força, grandeza e firmeza. De acordo com as palavras do jornalista Juril de Plácido e Silva Carnasciali

O pinheiro do Paraná, como muito bem cantou Bento Mussurunga, com seus “braços abertos como taças elevadas ao alto” brindando eternamente a grandiosidade que a natureza lhe dotou, bem representa a altivez do homem do campo, que preserva sua terra, que dela tem orgulho e que luta para que, como o pinheiro, possa continuar firme, enfrentar as intempéries, proporcionar sombra amiga e produzir frutos que garantam sua continuidade (CARNASCIALI, 2011, p. 11).

Analisamos, por fim, o lexema “pinhão”. Na sua definição encontrada no *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, a primeira acepção a define como “cada uma das sementes contidas na pinha do pinheiro-do-paraná” (FERREIRA; FERREIRA; ANJOS, 2004, p. 1561).

Na letra da canção, o autor se utiliza desse lexema no seguinte verso “O pinheiro dá a pinha, a pinha dá o pinhão”. Como podemos perceber pela definição do dicionário mencionado, o pinhão é o fruto do pinheiro. Ele também é um alimento muito apreciado nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Apesar de ser o alimento da gralha azul nos meses de inverno, na música, ele não é descrito dessa forma, mas sim como o objeto de trabalho da gralha: “...a pinha dá o pinhão / gralha azul leva no bico / vai fazer a plantação”. Se a gralha faz um trabalho árduo plantando novas araucárias, sua ferramenta de trabalho é o “pinhão”.

Na lenda, por sua vez, o autor não cita essa palavra de forma explícita. Entretanto, quando diz “o CRIADOR entregou à gralha uma semente para que plantasse e disseminasse [...] Foi então que surgiu o PINHEIRO”, fica evidente de que a semente em questão era um “pinhão”.

No poema de Helena Kolody, esse lexema também não é apresentado de forma direta, mas fica subentendida sua presença por meio do verso “e o odor primitivo dos frutos”, nesse caso o fruto da araucária, o “pinhão”.

As figuras da “gralha azul”, o “pinheiro” e o “pinhão”, exercem uma relação contínua em que um depende da existência do outro. Um ciclo frequente que se realiza da seguinte forma: a gralha faz o ninho e põe os ovos na copa do pinheiro, onde os filhotes nascem e passam os dias iniciais de suas vidas. O fruto do pinheiro é o pinhão, que serve de alimento para a ave, que na tarefa árdua de abri-los, acaba por derrubar vários ao solo. Isso resulta em uma plantação involuntária que garante a continuidade da espécie, que gerará outros pinhões, que alimentarão outras galhas azuis.

Pudemos perceber, a partir das observações realizadas no *corpus*, que a ideia de que a sociedade tem papel importante na transmissão dos significados históricos e culturais se confirma. Exemplo disso pudemos ver com o reconhecimento “gralha azul” como símbolo do Paraná. Essa ação não se deu de um dia para o outro, ou de uma atitude individual, mas sim a partir de fatos históricos e culturais na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Havíamos falado na introdução desse trabalho sobre as associações que se fazem entre os povos e seus símbolos culturais. A partir do que foi exposto nessa pesquisa, podemos afirmar que a “gralha azul” e o “pinheiro” são os principais símbolos que representam o estado do Paraná. Sua importância se torna evidente devido ao grande número de referências feitas a eles, seja na nomeação de lugares e leis sancionadas em seu favor, ou em obras artísticas, como pudemos observar na música, na poesia e na lenda apresentadas no *corpus* do trabalho.

Percebemos que as representações veiculadas pela canção *Gralha azul* e pela *Lenda do pinheiro e a gralha azul* coincidem com aquelas que estão no imaginário coletivo, de que a “gralha azul” é quem faz a plantação dos pinheiros, e que ela é um bichinho trabalhador, assim como o povo do Paraná. No poema *Araucária*, a autora busca descrever as características físicas dessa árvore, utilizando-se de algumas metáforas que relacionam sua altivez e grandeza ao povo paranaense.

Os textos do *corpus*, assim como tantos outros, evidenciam os três lexemas analisados como significativos culturalmente no Paraná. Fica evidente que na dinâmica do estado esses símbolos têm um lugar de destaque.



Assim, por meio da análise dessas três obras pudemos perceber que a relação existente entre o léxico de uma língua e o uso que um grupo social faz desse léxico é diretamente regida pela história e pela cultura da sociedade. As lendas, por exemplo, são gêneros populares que passam de geração para geração, podendo adquirir novos aspectos e significados no curso da história. Da mesma forma, por meio da música e da poesia podemos observar aspectos culturais de época passadas, seja por meio de uma abordagem lexical, como a nossa, assim como outra que se propõe a utilizar.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Márcia de S. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição R.; QUEIROZ, Rita de Cássia R. de; SANTOS, Rosa B. dos (Orgs.). *Diferentes perspectivas dos estudos filológicos*. Salvador: Quarteto, 2006.

ANJOS, Luiz dos. *Gralha-Azul: biologia e conservação*. Curitiba: Companhia de Seguros Gralha Azul, 1995.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *A categorização léxica*. In: Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

_____. O significado. A estruturação do léxico. In *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CARNASCIALI, Juril de Plácido e Silva. Pinheiros do Paraná. In: CASILLO, Regina de Barros Correia. *Pinheiros*. ed. rev. e ampl. Curitiba: Solar do Rosário, 2011. Solar do Rosário, 2011.

CRUZ MACHADO: Prefeitura do Município de Cruz Machado. *Helena Kolody*. Cruz Machado, 2016. Disponível em: < <http://pmcm.pr.gov.br/cultura-e-turismo/helena-kolody/>>. Acesso em: 14 jan. 2016.

FERRAZ, Aderlande P. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândido T. C. de. (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda; FERREIRA, Marina Baird; ANJOS, Margarida dos (Coord.). *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed., ver. e atual. Curitiba: Positivo, 2004.



KOLOGY, Helena. Araucária. In: Kolody Helena. *Viagem no Espelho*. 5. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1999.

PARANÁ – Secretaria de Estado da Educação. *Dia a dia educação*. Disponível em: <http://www.educacao.pr.gov.br/index.php>. Acesso em: 13 jan. 2016.

_____. Secretaria de Estado da Educação. *Informações de Turismo*. Disponível em: < <http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=103>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

PARANÁ – Paraná Clube. *Símbolos*. Disponível em: < http://www.paranaclub.com.br/oclube_simbolos.htm>. Acesso em: 21 jan. 2016.

PINTO, Inami Custódio. Gralha Azul. In: CAMARGO, Ely. *Gralha Azul – Folclore do Paraná*. São Paulo: Editora Chantecler, 1968. 1 disco. (ca. 59 min.)

RIBEIRO, Eurico Branco. A Lenda do Pinheiro e da Gralha Azul. In: SANTOS FILHO, Benedito Nicolau. *Lendas e tradições do Paraná*. Curitiba: Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1972.

SANTOS FILHO, Benedito Nicolau. *Lendas e tradições do Paraná*. Curitiba: Imprensa da Universidade Federal do Paraná, 1972.

Data de recebimento: 05/02/2016

Data de aprovação: 24/05/2016